

Xambá, um personagem fenomênico n'*O Risco do Bordado*

Ronaldo Ferrito

Doutorando em poética (FL/UFRJ)

Tencionamos refletir aqui acerca do último ato, ou capítulo, do romance “O Risco do Bordado”, de Autran Dourado, intitulado “As Roupas do Homem”, o vii, com o fito de estabelecer um escólio crítico relativo a diversidade de visões e potências existenciais que emergem do personagem Xambá, através das versões e atualizações (ou mesmo “roupas”, como alude o título) com que o travestem outros personagens em suas narrativas e exposições mnemônicas ao longo do extrato em questão. Já agora, é necessário insinuar o pressuposto de que neste ato de maneira especialíssima, a memória de cada personagem, e não uma memória unânime, é o acesso exclusivo aos eventos e, portanto, ao homem Xambá, que aparece já na primeira parte do ato vii, “Estátua Equestre”, como uma potência legendária, mito na visão de um menino, para depois, nas quatro outras partes subsequentes do mesmo ato, tomar novas formas e quilates. Cada parte inaugura um modo de homem Xambá, exibindo-o como um fenômeno que se revela diferente em cada perspectiva narrada (a narrativa é perspectivada), oferecendo-nos uma hesitação que não nos permite abarcar esse personagem, determiná-lo como um objeto assente, totalizado.

Toda a narrativa em questão é uma imersão da memória, é uma narrativa de memória e não de eventos em processo. No entanto, reversamente a uma concepção majoritária que compreende memória enquanto fato cristalizado, já feito e estático na vida de cada indivíduo, se nos antolham nessas narrativas pessoais eventos que são dinamizados a partir da visão de João, que realiza inquéritos sobre a figura de Xambá. Em João se dinamiza o passado como potência e não como fato positivo, tão potente quanto o futuro, pois o passado também lhe é revelado como um constante vir a ser. Para acompanhar como isso se dá narrativamente, dividimos esse último ato do romance em duas partes que possuem estruturas diferentes. A primeira é um prelúdio ao inquérito empreendido por João, em que é apresentada a visão de menino concernente ao legendário Xambá, figura fora da lei elevada a mito que frequentava a sua cidade natal de Duas Pontes. Essa parte corresponde ao título (i) “Estátua Equestre”. A segunda parte encerra a volta de João à cidade natal após muitos anos passados fora, volta

“homem feito”, e investiga através de entrevistas com outros personagens o paradeiro de Xambá e certos eventos obliterados ou segredados sobre esse. Essa parte corresponde aos títulos seguintes: (ii) “Sob a Magia da Dor”; (iii) “O Chicote de Prata”; (iv) “Espessa Cortina da Morte” e (v) “As Malhas da Lei”.

Nossa preocupação é a forma narrativa e as questões advindas consigo, jamais a repetição e transcrição de textos ou fatos alienados dessa e do que a forma cria como sendo o mundo e o sentido da obra. Mostraremos pela forma narrativa como é engendrada e refabulada a figura de Xambá e os eventos alusivos a ele pela matéria escura da memória. Entendemos que a isso mesmo orienta o título do ato em causa “As Roupas do Homem”. O “homem” sendo o fenômeno, ao passo que as “roupas” são o *como é* que o homem aparece àqueles que o assestam, sem que seja pacificado *o que é* esse homem em suas aparições. O próprio título nos introduz o método de leitura e hermenêutica para uma aproximação dos eventos narrados em suas partes. Para ensejar essa fugacidade fenomenológica, o narrador precisa rigorosamente desaparecer como ente externo, exógeno das memórias, dando lugar às vozes, as experiências, os sentidos, os pensamentos e, portanto, a linguagem dos personagens que assumem a própria tarefa da narração. Portanto, ao narrador não se permite expropriar a memória de nenhum personagem, senão propiciá-la ao máximo pelo silêncio de qualquer teor exógeno ou que não lhe seja inerente. Indigitaremos também pontuais comentários de uma voz parabática, que intersecciona, articula e pondera criticamente o processamento das narrativas.

Nesta primeira parte, “Estátua Equestre”, concentra-se o primeiro acesso à figura de Xambá. Para estadar quem era esse personagem, como era visto o jagunço, o narrador se coloca sob a égide de duas perspectivas, uma individual e outra coletiva, a de João quando menino e a dos demais moradores de Duas Pontes, incluindo aí outros meninos. Além dessa narrativa perspectivada na visão de João e d“a gente” de Duas Pontes, aparece uma intervenção parabática ao contexto narrado. Um comentador com o papel de coro dentro da própria narrativa. É esse narrador parabático que vai nos dizer na terceira página do capítulo, a certa altura, de quem são as perspectivas (os pensamentos, as experiências, a imaginação e a linguagem) segundo as quais Xambá é plasmado nesta primeira parte do ato: “*Assim os meninos (João, a gente) iam fantasiando, criavam um mundo de sonho em volta de Xambá: vivia-se um mito*”. Observe-se também que a caracterização de um mito é já parte da observação do coro, que insinua como está sendo apresentado o jagunço e qual seria a primeira sua “roupa”, a que João guarda da infância.

As visões de João são narradas sob uma impressionística pessoal, mas não raro se confunde com as impressões também do povo em geral. Acontece uma alternância de perspectivas na qual a de João conflui com as da gente da cidade. O narrador, todavia, quando exprime as visões de João ainda menino as relaciona de modo mais específico, construindo o imaginário de João em paralelo com o da cidade, confirmando as lendas do olhar coletivo com o mito na cabeça de João ainda menino de uma maneira nominal, constituindo a sua história própria. As imagens engendradas por João são organizadas por esse narrador perspectivado trazendo à tona as nuances próprias de Xambá para João. João tem primazia na narrativa, são as riquezas de sua percepção sobretudo que se quer buscar nesta parte. A emancipação desse personagem é o que interessa, sendo suas experiências e memórias fundamentais para as partes seguintes, pois é em diálogo com sua memória que outras versões e histórias escusas de Xambá vão se medir. Podemos demonstrar essa distinção de perspectivas por no mínimo duas passagens específicas, uma delas em referência ao próprio título. A figura da “Estátua Equestre” é uma urdidura de João para Xambá, que parte de seu imaginário próprio que remete aos desenhos de livros, a um tipo de estátua nunca vista antes por ele, mas dada a conhecer como atributo de Xambá, *“De tal maneira que para João, ainda hoje, estátua equestre é apenas um atributo da figura compósita de Xambá e seu cavalo Jaú”*. O próprio cavalo Jaú tem um significado específico e articulado na história particular de João, produzindo-lhe uma visão própria do cavalo também mítico: *“Na memória de João, o cavalo Jaú se casava e se fundia com dois outros cavalos: o cavalo santo de São Jorge guerreiro e lunar, e o cavalo branco de Buck Jones da fita em série. Ele não podia ver um sem se lembrar dos outros. No tropel de suas noites, nas suas noites de menino, os três se dissolviam numa só brancura nas campinas do céu”*. Nesse trecho, observe-se também a narrativa perspectivada que organiza as imagens sentidas por João, sem nunca trair sua própria interpretação e visão de Jaú. O narrador assume as experiências de João, organizando e clarificando suas impressões, mas nunca pervertendo-as a uma narrativa exógena, referencial. É o personagem sobretudo que nos dá a conhecer, pela sua visão mental, impressionística de menino, a força legendária deste cavalo que se dilui em três sob a imagem da brancura; isto é, até mesmo o processo mental de João é revelado.

É preciso observar outrossim que, em relação a como se constrói a figura de Xambá vista pela gente de Duas Pontes, o narrador não cessa a perspectivação por se tratar de um personagem coletivo. Ele deixa emergir uma linguagem mítica nessa gente. Proveniente dela mesma. Cria um vocábulo próprio de constituição e do modo de dizer o seu mito. A linguagem

passa a se proliferar por inúmeras metáforas fundando o ambiente legendário do tempo de Xambá. Peguem-se, como exemplo, já os três primeiros parágrafos deste ato vii, em que vemos uma sequência obstinada de imagens, de fórmulas da fala do povo, do contexto dos jagunços, como um preâmbulo para em seguida introduzir-se o personagem mítico em questão. Observe-se o esmero rítmico, as aliterações das oclusivas, e até uma possível pausa rímica do segundo parágrafo, “*Tempos de política braba, de protetores e protegidos, de vinganças prometidas, das mortes contadas, das favas do medo, de gente sumida no oco do mundo, de sangue e rumor negro*”. Essa musicalidade oral, medida, funda uma fala mítica dos tempos heroicos dos jagunços de Duas Pontes. É uma narrativa forjada com as palavras do povo e não de um autor de terceira pessoa distanciado de sua linguagem, ignaro portanto. As histórias de Xambá nesta parte são contadas a partir dessa voz mítica, dessa narração da gente de duas pontes não raro indicada entre parênteses como vemos em: “*Uma vez (contavam) a polícia tinha conseguido deitar a mão nele. Tomado o revólver*”(…). Ou em “*Foi assim (contava-se) que Xambá arranjou o colt de cavalinho, especial de bom*” (...). Outras indicação dessa narração da memória da gente de Duas Pontes aparecem, mas sempre na construção de uma sua voz e visão legendárias. Trata-se pois de outra maneira de perspectivação, uma não individual, mas de caracterização também específica e endógena à narrativa. O narrador está sempre enleado e nunca se desliga do contexto narrativo, seja por João, seja pela gente da cidade, ou mesmo pela fala diminuta do farmacêutico Gaetano (já no fim da primeira parte do ato em causa) que desmente uma história contada pelo povo, proporcionando uma outra versão de um caso ocorrido entre ele e Xambá – quicá um indicador, já nesta primeira parte do ato, do que virá depois nas partes subsequentes, nas quais as histórias de Xambá vão ganhando novas versões narrativas, de certa maneira demitizando-o. Vale lembrar, porém, que a esta altura da primeira parte a fala do italiano Gaetano é desdenhada em favor da versão que enaltece a bravura e sagacidade do jagunço. Ainda que sob algumas moderações, como a do testemunho de Zito que traz uma aparente ironia à imagem da “Estátua Equestre” ao narrar a queda de Xambá do seu cavalo em virtude de estar baleado, o jagunço permanece visto com sua roupa mítica, pois o acontecido que poderia ser entendido como vilipêndio de Xambá é mencionado como “sublime” e ratifica a união mítica entre ele e seu cavalo Jaú na narrativa, como parte da visão daquela estátua equestre de João: “*Porém a visão mais sublime de Xambá quem contou foi Zito, (...) ele vinha numa marcha lenta, o corpo meio bambo na sela, o cavalo é que guiava. Não saltou do cavalo deixou o corpo ir caindo de banda*”. Entende-se que o cavalo ali é cavaleiro, sente a necessidade e busca socorro médico de sua outra parte. Ratifica-se a consideração do narrador parabático que tem uma fala resumitiva nesta primeira parte, caracterizando essas visões como a da vivência do mito de Xambá, tanto pela cidade em geral quanto por João ainda menino.

Na parte seguinte, “Sob a Magia da Dor”, a narrativa se enceta centrada em João, mas de maneira mais complexa que na anterior, pois esse é desdobrado em dois: uma visão do menino e outra do “homem feito”. Visões que ora se alternam, ora se cotejam. O cotejamento se dá em virtude de João enquanto “homem feito” reativar suas visões e experiências de infância, que retornam a partir do reencontro com um amigo, o Dr. Alcebíades, na casa deste que costumava frequentar. Antes mesmo do reencontro, o passado se presentifica na narrativa mediante a ponderação de João-“homem feito” às suas reminiscências de criança, já que as lembranças que ele tinha do Dr. Alcebíades estavam cristalizadas nas visões do João-“menino” e, por conseguinte, também na perspectiva narrativa do João-“menino”, agora reanimadas de tal modo que o próprio personagem se encontra em hesitação, “*João sorriu diante da lembrança daquele menino. Era a mão do menino ou a mão do homem que ia bater agora naquela porta, ele se indagava*”. Nesse trecho, o narrador nos dá a ponderação de João adulto sobre seus pensamentos de criança logo antes narrados. A narrativa se desdobra e, após esse primeiro desdobramento, assoma-se ainda uma outra perspectiva, a do Dr. Alcebíades, que será construída pela entrevista com João, que visa saber o que ocorreu com Xambá após levar aquele tiro e ser atendido pelo Doutor. A narrativa desta parte do ato, em seu núcleo, passa a se constituir da perspectiva do Dr. Alcebíades em contraponto com a perspectiva de João que o observa enquanto aquele narra o evento sobre Xambá que este quer investigar. Há mais de uma máscara narrativa pela qual o evento se desenvolve. Passa-se a saber do jagunço segundo o que narra o Doutor sobre o evento de seu passado. Aqui também a perspectiva do Doutor sofre constante desdobramentos, ponderações sobre outro de si mesmo no passado. O narrador passa a ter que articular as memórias vívidas, ora presentes pela narrativa, e a ponderação de Dr. Alcebíades, ele mesmo reorganizando e pontuando o que ocorrera na sala de cirurgia com Xambá. O narrador reúne as falas do Doutor do passado (o diálogo com o jagunço) e as do presente (o diálogo com João) em uma mesma narração desdobrada. A visão do Dr. sobre Xambá, a princípio, parece tencionar testemunhar contra a magnitude lendária do jagunço e trazer sua humanidade, uma normalidade à baila. Chega mesmo a dizer que João exagerava em sua visão. Após essa primeira advertência, ele entabula de fato sua história do evento e a desenvolve num crescente de perplexidades com o homem que parecia sobrepujar, pela superação da dor, as possibilidades humanas. A narrativa por si vai revelando uma imagem não humana, sobre-humana (não mais no sentido sublime, como pensava João-menino): “*não sabia até que ponto um homem pode se superar sob a magia da dor... Aquele homem não era um homem, era um bicho. Não, não era um bicho... Aquele homem era um demônio?... Aquele homem era desumano, é só o que eu posso dizer*”. A história do médico gera novas reflexões acerca de Xambá e do próprio amigo que deixa João sem palavras. O silêncio de João permanece até o fim da narrativa perspectivada no doutor, que finaliza sua história sem interferência. Ao fim, porém, o narrador penetra João e seu silêncio, deixando emergir o que

acontece dentro de João, devassa o que chama de Constelação da Dor, uma imagem formada das figuras de seus tios e avô, sua família. Ao fim, as ressonâncias de Xambá passam a ser pensadas ainda com mistério, mas não mais aquele mesmo anódino de quando João era apenas um garoto. Xambá erige agora um mistério de dor no passado, deixa na boca o gosto sentido da dor.

Nessa parte intitulada “Sob a Magia da Dor”, a princípio notamos um desdobramento narrativo em João, que expõe e observa como homem feito suas lembranças de menino. Todavia, depois do aparecimento de Dr. Alcebíades, percebemos também uma tensão dialógica constante na narrativa, em virtude de uma perspectiva múltipla do narrador, pois assume ora a perspectiva de Alcebíades, ora a de João que o observa e reflete após o início da história sobre Xambá. Enquanto o Dr. Alcebíades fala, João reflete, o observa, forçando a narrativa a se dispor entre duas máscaras. Mais complexo se torna se ainda verificarmos que cada um dos dois personagens são ainda desdobrados. Vale mencionar, para flagrar esse desdobramento, um trecho da narrativa em que o médico confessa, num dado momento de suas ponderações, que chegara a sentir algo estranho durante a extração da bala de Xambá, *“Foi então que alguma coisa estranha se passou comigo, não sei como explicar. Uma espécie de perversidade... eu queria ver até onde aquele homem tão macho como se dizia, tão forte e corajoso, aguentava a dor”*. É nessa forma narrativa que a história de Xambá tem continuação sob a égide da entrevista do personagem Dr. Alcebíades.

Em “O Chicote de Prata”, toda a perspectiva narrativa é voltada ao personagem de tio Alfredo. João não é perspectivado, mas só aparece pela menção inicial de seu tio a sua versão de menino sobre Xambá, à qual faz mitigações mas não desautoriza. Por essa menção se percebe que João o entrevista, mas sem sequer ter sua presença novamente mencionada. É um monólogo narrado o que acontece com Alfredo, mesmo que no enredo do romance se perceba que se trata de uma entrevista com João. Pode-se até notar uma estrutura dialógica interna à memória – tão-só estrutural – na narrativa de Alfredo, mas somente há uma única perspectiva sobre os eventos. Há novamente um desdobramento do personagem que segue ponderando e comentando sua narração do passado, um outro de si. A forma narrativa segue assim durante todo o relato de tio Alfredo. O evento nodal é a disputa entre Alfredo e Xambá por Felícia, uma das mulheres da Casa da Ponte, que culmina com a situação provocada no quarto do prostíbulo. O evento do quarto do prostíbulo é visto nessa parte, “O Chicote de Prata”, exclusivamente sob a perspectiva de tio Alfredo, o que sofrerá uma nova versão na parte seguinte, “Espessa Cortina da Morte”,

advinda do relato de Alcebíades sobre o mesmo fato, que lhe chega a conhecimento pela confissão de Felícia. A forma narrativa cria a manutenção de um fenômeno irresoluto. Os acontecimentos que envolveram Xambá permanecem ocultos pela diversidade de roupagens que os personagens de Duas Pontes lhe colocam. Alfredo e Felícia revelam a mesma história com perspectivas diferentes.

Tomemos como exemplo da questão dúbia posta pela narrativa o evento do quarto do prostíbulo. Para Alfredo, ele é persuadido por Felícia a vê-la com Xambá na cama: *“Ela me disse você quer ver uma coisa? Quer ver como é que Xambá cobre? Tentação coisa ruim, aquilo não podia acabar bem de jeito nenhum... Encurtando, o que ela queria: eu ficava escondido no quarto, ia ver uma coisa de cair pra trás. Será que eu não tinha coragem, ela maluca me indagou”*. Nesse relato de Alfredo, pelas palavras de Felícia, ele dá a entender que essa o levaria para ver como Xambá e ela se relacionavam naturalmente, costumeiramente. Daí o susto da revelação de Alfredo: *“De repente eu vi, vi o que nunca pensei ver num homem daqueles, da sua fama, da sua iguala. Xambá caiu de quatro, que nem fosse montaria... Um chicotinho de prata na mão, ela chegava nas ancas dele umas lambadas, que nem uma cavalo”*. A narrativa, porém, em “Espessa Cortina da Morte” revela o fato por outro personagem ainda, caracterizando a sua perspectiva plural, uma narrativa multiperspectivada que gera a impossibilidade de pacificação sobre um mesmo evento, fazendo-o sempre maior, mais abismal. Dr. Alcebíades disse: *“Então, foi, pediu. Ele ficava de quatro no chão, só isso. Ele nunca tinha feito aquilo”*. O que na perspectiva de Alfredo é sugerido como algo acontecido naturalmente, aqui é mencionado como primeira vez. Observe-se porém que a complexidade narrativa em “Espessa Cortina da Morte” sequer nos permite entender que de fato as palavras de Alcebíades eram as mesmas de Felícia, ou que as compreendeu perfeitamente, posto que a narrativa é da perspectiva de Alcebíades nesta parte. Já no início de sua nova entrevista com João revela *“Ela misturava muito as coisas. Falava de um e de outro confusa... Não vou repetir a trapalhada, a barafunda que ela fazia. Vou é encurtar...(...) Do que eu pude entender...”*. Conta o que lhe foi confessado segundo sua interpretação. A explicação de chamar Alfredo para assistir à cena também era outra em cada uma das partes em análise. Na do Dr. Alcebíades, Felícia anelava a morte de Xambá, ao passo que no subtítulo “Chicote de prata” Alfredo não deduz esse ardil. Nas duas perspectivas, porém, aufere-se a iminência da morte, do assassinio de Xambá por Alfredo, que, no entanto, não o perpetra, porque de abrupto algo ocorre, o jagunço se retira. Algo não revelado, ignorado por Alfredo, por Felícia e pelo Dr. Alcebíades – por tanto, parte do mistério de Xambá, de seu “corpo fechado” – causa esse ímpeto repentino em Xambá, que sai da posição de cavalo e se retira.

A última parte, “As Malhas da Lei”, é a mais distante do Xambá heroico de João. Seu Dionísio, delegado da cidade de Duas Pontes, é o personagem que assume a narrativa final do capítulo e portanto do livro. O delegado trata desde o princípio Xambá com menosprezo e algum ressentimento, asseverando ser o jagunço protegido do Coronel Tibúrcio, o que seria o real motivo de não o prenderem. Sua versão para Xambá é a mais banal e trivial. Segundo ele, Xambá cometeu um erro e roubou os cavalos de quem não deveria, perdendo a sua proteção com o coronel. Ou seja, tornou-se vulnerável ao delegado, que o perseguiu e o prendeu. Nestes termos, um bandido que apesar de certa fama maior era comum. Traidor e até fraco na resistência à tortura. Seu Dionísio conta uma história que ninguém poderia confirmar, pois não haveria testemunha. Diz ter deixado a porta da cela aberta para Xambá escapar, o que resultou em sua morte.

A forma narrativa de *As malhas da lei* é centrada na fala de Dionísio, assemelha-se a do título “O Chicote de Prata”. Ao longo das 5 partes do último ato, a narrativa multiperspectivada é responsável pela construção mítica e fenomênica do personagem Xambá, pela memória dos personagens que dele contam algum evento. Há uma proposta hermenêutica sobretudo acerca do fenômeno Xambá e das imagens que se constroem na narrativa. Os eventos em si não existem como fatos, mas como sentidos mnemônicos, construção de memória pela narração. Xambá, inabarcável como pessoa histórica a cada um, ou mesmo como objeto meramente epistêmico, não existencial, é efetivo enquanto sentido e como construção existencial.

Referências bibliográficas:

DOURADO, Autran. *O risco do bordado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

SOUZA, Ronalds de Melo e. *Ensaio de poética e hermenêutica*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel.